SUICÍDIO E VULNERABILIDADE SOCIAL: DIÁLOGO COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM UM BAIRRO PERIFÉRICO DE SANTARÉM-PARÁ

JAMILLE MARIA FERNANDES DA CRUZ; ANA CELY DE SOUSA COELHO; TAMIRIS GOMES FORTES; FERNANDA SOUSA RIBEIRO; MILANY SANTOS DE CARVALHO

RESUMO

Por mais que possa atingir pessoas de qualquer idade, no ano de 2019 o suicídio foi a quarta principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos em todo o mundo. Observa-se que em diferentes estudos existem alguns fatores de riscos gerais que são sempre relatados, como: vulnerabilidade social, família de origem disfuncional, experiências de diversos tipos de violência, condições insalubres de trabalho, uso e abuso de drogas, sexo masculino. Nessa perspectiva o objetivo deste trabalho é relatar e analisar os resultados obtidos ao abordar a temática do suicídio junto a crianças e adolescentes membros do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) no bairro Urumari em Santarém - Pará. Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo, do tipo relato de experiência. A ação em questão foi desenvolvida no mês de setembro de 2023. O público do projeto desenvolvido consistiu em um total de vinte e duas crianças e adolescentes entre cinco e dezesseis anos. O trabalho foi realizado em duas etapas: a primeira consistiu na palestra, pela manhã, focada nos adolescentes e a segunda etapa consistiu na aplicação de atividades para o público infantil no turno da tarde. A atividade durou aproximadamente quatro horas, sendo duas horas no turno matutino e mais duas horas no vespertino. Foram relatadas experiências pessoais e de amigos pelos participantes e ao fim da apresentação, observou-se que o esclarecimento do tema deixou os jovens engajados em levar a temática para seus amigos e familiares. Da mesma maneira, o público infantil teve grande adesão e foi bastante participativo. Em assuntos considerados delicados como o suicídio, essa estratégia permite um espaço empático para trabalhar a conscientização sobre a saúde mental e promover caminhos saudáveis dentro dos cenários de vulnerabilidade social vividos por essas crianças e adolescentes.

Palavras-chave: Saúde Mental; Adolescência; Psicoeducação; Psicologia

1 INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Pan-americana de Saúde (OPAS), os índices de suicídio nas Américas chegam a atingir cerca de 100 mil mortes anualmente, tornando-se uma preocupação significativa no âmbito da saúde. A região apresentou um crescimento de 17% na taxa de suicídio no período de 2000 a 2019, tornando-se a única região da Organização Mundial da Saúde (OMS) a testemunhar um aumento. Por mais que possa atingir pessoas de qualquer idade, no ano de

DOI: 10.51161/conbrasau2024/32702

2019, o suicídio foi a quarta principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos em todo o mundo. As mulheres têm maior probabilidade de tentar o suicídio, mas os homens têm maior probabilidade de concluir o ato: para cada mulher que morre por suicídio na região, são registradas 3,5 mortes de homens por suicídio. Além disso, as evidências disponíveis indicam um impacto desproporcional do suicídio entre grupos em situação de vulnerabilidade, como populações indígenas e pessoas LGBTQI+ (OPAS, 2023).

No Brasil, de acordo com o boletim epidemiológico do Ministério da Saúde, a análise das taxas de suicídio por faixa etária demonstrou aumento da incidência de suicídios em todos os grupos etários, destacando-se as taxas de mortalidade de adolescentes, que sofreram um aumento de 81% de 2010 a 2019, passando de 606 óbitos e de uma taxa de 3,5 mortes por 100 mil hab., para 1.022 óbitos, e uma taxa de 6,4 suicídios para cada 100 mil adolescentes. Ademais, destaca-se também o crescimento das mortes por suicídio em menores de 14 anos. Os índices entre as regiões brasileiras, em 2019, mostram que as Regiões Sul, Norte e Centro Oeste tiveram as maiores taxas de mortalidade de adolescentes de 15 a 19 anos. Essas foram também as regiões que apresentaram o maior incremento percentual das taxas de suicídio entre 2010 e 2019, respectivamente 99%, 90% e 99%. Na Região Norte o maior risco de morte por suicídio ocorreu entre jovens de 15 a 19 anos (9,7 por 100 mil hab).

O estigma social e a falta de sensibilização continuam a ser grandes barreiras à procura de ajuda para o suicídio, realçando a necessidade de conscientização em saúde mental e de campanhas anti-estigma - 2023 "A pandemia da COVID-19 exacerbou ainda mais os fatores de risco para o suicídio, incluindo desemprego, insegurança financeira e isolamento social", disse o diretor da OPAS, acrescentando que o combate ao suicídio exige um esforço coletivo - https://www.paho.org/pt/noticias/8-9-2023-prevencao-ao-suicidio-deve-ser-uma-prioridade-diretor-da-opas Nesse sentido, todos os anos, quase um milhão de pessoas morrem por suicídio em todo o mundo. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) (2019), o suicídio é a terceira principal causa de morte entre pessoas de 15 e 19 anos O maior grupo de risco, em um terço dos países, é representado pelos jovens. Na infância, por sua vez, essa prática também tem crescido em todo mundo, ainda que apresente menores estatísticas (SOUSA GS, et al., 2017)

Em todo o mundo, praticamente não há estatísticas sobre o fenômeno entre crianças até nove anos de idade, e quando existem costumam ser subestimadas. No início dos anos 2000, Beutrais (2006) já alertava que as estimativas internacionais sugeriam taxas de suicídio para crianças de 5 a 14 anos de cerca de uma a duas mortes por 100.0009. Apesar de baixas e bem inferiores às da adolescência, há uma tendência de aumento da taxa de suicídio em crianças com menos de 15 anos em vários países. Em 2015, o Centers for Disease Control and Prevention mostrou que o suicídio foi a sexta principal causa de morte entre crianças de 5 a 12 anos de idade nos Estados Unidos, com ligeiro aumento entre os anos de 2013 e 2014 (cerca de 16%) (AVANCI, 2021). No Brasil, conforme dados de 2019 da Secretaria de Vigilância em Saúde, a análise da distribuição do risco de morte por suicídio, segundo faixa etária, entre as regiões do Brasil identificou que as Regiões Sul, Norte e Centro Oeste apresentaram as maiores taxas de mortalidade de adolescentes de 15 a 19 anos. Essas foram também as regiões que apresentaram o maior aumento percentual das taxas de suicídio entre 2010 e 2019, respectivamente 99%, 90% e 99%. Nesse cenário, destaca-se a Região Norte, onde o maior risco de morte por suicídio ocorreuentre jovens de 15 a 19 anos (9,7 por 100 mil).

Para Pessalacia (2010), dependendo das circunstâncias de vida em que esse adolescente esteja inserido, eles estão expostos a situações de violência, ao uso de drogas e a experiências relacionadas a privações no que diz respeito a ordem afetiva, cultural e socioeconômica desfavorecendo o progresso biopsicossocial. Observa-se que em diferentes estudos existem

DOI: 10.51161/conbrasau2024/32702

alguns fatores de riscos gerais que são sempre relatados, como: vulnerabilidade social, família de origem disfuncional, experiências de diversos tipos de violência, condições insalubres de trabalho, uso e abuso de drogas, sexo masculino (Pereira et al., 2018). Diante das crescentes estatísticas que envolvem o suicídio e entendendo a infância e adolescência, principalmente em situações de vulnerabilidade social, como grupos de risco nos índices de suicídio, este trabalho tem como objetivo relatar e analisar os resultados obtidos ao abordar a temática junto a crianças e adolescentes membros do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) no bairro Urumari em Santarém - Pará, sob a orientação da professora Ma. Milany Santos de Carvalho.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo foi realizado com base nas experiências vivenciadas durante a realização de uma palestra com o tema: "Em busca do sentido da vida: uma jornada crucial na prevenção do suicídio", realizada por estudantes de Psicologia do Centro Universitário da Amazônia, através do projeto de extensão Ohana - Psicologia para a família. Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo, do tipo relato de experiência. A ação em questão foi desenvolvida no mês de setembro de 2023, no Centro de Referência de Assistência Social do bairro Urumari, em Santarém - PA. O público do projeto desenvolvido consistiu em um total de vinte e duas crianças e adolescentes entre cinco e dezesseis anos.

O trabalho foi realizado em duas etapas: a primeira consistiu na palestra, pela manhã, focada nos adolescentes e a segunda etapa consistiu na aplicação de atividades para o público infantil no turno da tarde. A atividade durou aproximadamente quatro horas, sendo duas horas no turno matutino e mais duas horas no vespertino. A metodologia consistiu na exposição dialogada, por meio da apresentação de slides e vídeos e dinâmica lúdico pedagógica na modalidade roda de conversa (PAIVA, et al., 2016). Durante a palestra foram abordados temas introdutórios como a definição de suicídio, sinais de alerta, métodos de prevenção e desmistificação de mitos e realidades.

Para contextualizar e facilitar o entendimento dos participantes, procedeu-se com uma conversa informal incentivando a participação dos jovens para falar sobre as emoções e sobre o bullying. O objetivo da discussão era ajudar os adolescentes a reconhecerem no que consiste cada emoção básica e em quais situações do cotidiano, como o bullying na escola, estão presentes fatores de risco para o suicídio. Durante a interação dos alunos, diversos relatos do dia-a-dia fomentaram a discussão de maneira muito produtiva. No segundo momento, com o público infantil, foi realizada a apresentação do curta metragem "Brilhante" para apresentar o assunto de maneira mais leve e lúdica.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pela manhã, à princípio, os adolescentes estavam bastante envergonhados e resistentes, apresentando certa dificuldade em interagir e entrar em contato com o assunto, porém, os voluntários se mostraram acessíveis e com o uso de uma linguagem descontraída para tratar o tema. Para Abasse (2009) o suicídio ainda é estigmatizado e rodeado de tabus. Ao falar que uma pessoa morreu provoca-se comoção e solidariedade; porém, quando se diz que a morte foi autoprovocada, a fala fica suspensa, praticamente não circula, causando constrangimento. O assunto é evitado ou proibido, ficando uma mácula. De modo geral, a população tende a negar essa atitude, especialmente quando acontece entre os adolescentes e, ainda mais, em crianças. Por essa perspectiva explica-se a resistência inicial do público para se pronunciar sobre a temática.

Na roda de conversa, à medida que iam se sentindo desinibidos, os adolescentes iam

DOI: 10.51161/conbrasau2024/32702

apresentando relatos do seu dia-a-dia que estavam relacionados com o assunto, trazendo à tona suas vivências e emoções. Quando perguntados se sabiam onde buscar ajuda para os sinais de alerta do suicídio, boa parte deles desconheciam qual atitude tomar e onde buscar ajuda, nesse momento, os voluntários mencionaram o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) como um dos instrumentos de apoio e um adolescente de 12 anos disse conhecer a instituição, pois após uma tentativa de suicídio, foi encaminhado para receber tratamento no CAPS. Os adolescentes relataram experiências pessoais e de amigos que viveram algo parecido e ao fim, da apresentação, observou-se que o esclarecimento do tema deixou os jovens engajados em levar a temática para seus amigos e familiares.

Para a atividade na parte da tarde, primeiramente as crianças participantes foram convidadas a se apresentar e dizerem sua cor preferida, sendo instigadas a pensar sobre o significado da cor amarela. Muitas delas relacionaram a cor com as palavras "vida", "Sol" e "alegria", e partindo-se desse ponto, foi possível criar uma analogia para falar sobre o setembro Amarelo, que trata sobre a valorização da vida. Quando questionadas se sabiam o significado da campanha, a maioria disse não conhecer, porém quando perguntou-se se elas sabiam o que era o suicídio, algumas respostas foram: "é quando alguém se machuca", "quando alguém se mata", "é quando alguém tenta se matar". Apesar do grupo ser de uma faixa etária inferior a do grupo matutino, observou-se uma maior adesão para participarem da discussão, o que surpreendeu os voluntários.

Prosseguindo com as atividades foi utilizado como ferramenta o curta metragem de animação "Brilhante", cujo tema é a saúde mental dos jovens, possibilitando que o tópico fosse abordado com as crianças de forma mais atrativa. Ao fim das discussões, foi pedido que elas desenhassem algo que as fazem felizes, como uma maneira de investigar a busca do sentido na vida dessas crianças, essa estratégia é pensada a partir dos pressupostos de criação e imaginação de Vigotski (2009) em busca de ampliar as significações das crianças em seu desenvolvimento humano. Este estímulo emerge com intuito de promover um espaço em que as crianças possam compartilhar algo sem verbalizar (com os demais participantes ou com o facilitador da roda de conversa) caso não sintam a vontade de fazê-lo em voz alta (CUNHA, 2018). Entre os desenhos o que mais foi registrado foram momentos de lazer, como jogar bola, brincar com os amigos, assistir tv e ficar com a família.

Os voluntários do Projeto Ohana em suas ações e palestras, como a do objeto de estudo deste trabalho, utilizam a estratégia da psicoeducação em grupos, que possibilita a criação de espaços nos quais as pessoas podem reconhecer as suas dificuldades e os pensamentos, emoções, e comportamentos relacionados a essas. A psicoeducação tem a importante função de orientar o indivíduo em diversos aspectos, a respeito das consequências de um comportamento, na (re) construção de crenças, valores, sentimentos, e como estes repercutem em sua vida e na dos outros (NOGUEIRA, et al. 2017). Neste contexto ela abre possibilidades para o esclarecimento sobre possíveis fatores que podem predispor a ideação e ao ato suicida, além disso, orientar sobre como identificar possíveis comportamentos e a buscar auxílio, elucidando que buscar ajuda não significa sinal de fraqueza, mas que todos precisam de ajuda em determinados momentos da vida e que é natural (Eduardo, et. al., 2019; Simões, Santos & Martinho, 2019). Em assuntos considerados delicados como o Suicídio, essa estratégia permite um espaço empático para trabalhar a conscientização sobre a saúde mental e promover caminhos saudáveis dentro dos cenários de vulnerabilidade social vividos por essas crianças e adolescentes.

4 CONCLUSÃO

Para a prevenção do suicídio, é indispensável a realização de trabalhos com ações de

DOI: 10.51161/conbrasau2024/32702

promoção da saúde, em especial para os grupos de risco, através de práticas que considerem os aspectos tanto patológicos como ambientais do suicídio, enfatizando-se a visão do ser humano como um ser biopsicossocial. O conhecimento eficiente acerca dos fatores de risco por parte da população em geral se torna essencial nesse processo de prevenção, contudo, infelizmente o tabu e o estigma sobre o suicídio ainda são grandes barreiras para que os indivíduos busquem apoio, o que reafirma a importância da conscientização em saúde mental e a promoção de campanhas e atividades como as promovidas pelo Projeto Ohana, buscando quebrar as resistências ao se tratar sobre a temática e sua importância. O ideal é que o assunto seja abordado não somente no mês de setembro, mas sim durante todo o ano para que se propague a desmistificação do suicídio.

REFERÊNCIAS

ABASSE, M. L. F. et al. Análise epidemiológica da morbimortalidade por suicídio entre adolescentes em Minas Gerais, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 2, p. 407–416, abr. 2009.

A prevenção ao suicídio deve ser uma prioridade: diretor da OPAS - OPAS/OMS | Organização Pan-Americana da Saúde. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/8-9-2023-prevencao-ao-suicidio-deve-ser-uma-prioridade-dire
tor-da-opas>.

BRASIL. **Mortalidade por suicídio** e **notificações de lesões autoprovocadas no Brasil**. Boletim Epidemiológico, Brasília, v. 52, n. 33, set. 2021.

CUNHA, J. R. F. DA. **Roda de Conversa com Crianças sobre Suicídio: Uma Proposta de Educação em Saúde Mental**, 2018. Disponível em: <https://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura/article/view/431/581>. Acesso em: 23 fev. 2024.

EDUARDO, R. M. et al. **POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES SOBRE PREVENÇÃO AO SUICÍDIO: RELATOS DE EXPERIÊNCIA INTERVENTIVA EM UM COLÉGIO DA REGIÃO DE CURITIBA**. Anais do EVINCI - UniBrasil, v. 5, n. 1, p. 457–457, 2019.

NOGUEIRA, C. A. et al. **A importância da psicoeducação na terapia cognitivo comportamental: uma revisão sistemática.** Revista das Ciências da Saúde do Oeste Baiano. Barreiras, v. 2, n. 1, p. 108-120, 2017.

PAIVA, M. R. F. et al. METODOLOGIAS ATIVAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM: REVISÃO INTEGRATIVA. **SANARE - Revista de Políticas Públicas**, v. 15, n. 2, 2016.

SILVA, B. O. S. DA et al. Ideação suicida em adolescentes em situação de vulnerabilidade social. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 2, p. e48410212808, 25 fev. 2021.

SOUSA, G. S., et al. **Suicide in childhood: a literatura review**. Ciênc. Saúde coletiva, v. 22, n. 9. p. 3099-3110, 2017.

VIGOTSKY, L. S. (2009). **Imaginação e Criação na Infância** (Comentários Ana Luiza Smolka)

DOI: 10.51161/conbrasau2024/32702

(Z. Prestes, Trad.) São Paulo: Ática. (Trabalho original publicado em 1930).

DOI: 10.51161/conbrasau2024/32702